

Notas sobre o Conceito de “Fantasia” nas *Preleções sobre a Estética* de Hegel

Ana Resende

75

Artefilosofia, Ouro Preto, n.4, p. 75-79, jan.2008

O Conceito de Fantasia

Este artigo propõe uma reconstrução do conceito de “fantasia” – formulado na primeira parte das **Preleções sobre a Estética** de Hegel – e, em particular, do conceito de “fantasia poética” – formulado na terceira parte das suas **Preleções**. A meu ver, o esclarecimento destes conceitos (e, particularmente, do conceito de “fantasia poética”) ajudará a compreender a natureza do que Hegel chama de “poético”, e que, segundo ele, se confunde com o conceito mesmo de belo da arte e de obra de arte em geral.

De acordo com Hegel, nas **Preleções**, a poesia deve ser entendida como aquela arte particular que se situa entre os extremos das outras artes¹, isto é, entre a extrema materialidade da arquitetura e a extrema espiritualidade da música, mas também deve ser vista como aquela arte particular em que, “ao mesmo tempo, a arte mesma começa a se dissolver e preserva para o conhecimento filosófico o seu ponto de transição para a representação religiosa enquanto tal, bem como para a prosa do pensamento científico.”² Assim, a poesia é considerada como “a verdadeira e absoluta obra do espírito e sua manifestação (*Äusserung*) como espírito.”³

E é a peculiaridade do seu material que garante à poesia uma posição de destaque na estética hegeliana. Se a poesia se conserva entre os extremos das outras artes particulares, preservando tanto o aspecto material – mais “pesado” – quanto o espiritual – mais “elevado” –, é porque aqui não se trata, para Hegel, de pura e simplesmente espiritualizar ou racionalizar o sensível ou o natural dado. Trata-se, antes, de uma composição de ambos os aspectos, isto é, do sensível e do racional, ou, nas palavras de Hegel, de uma “reconciliação”.⁴

Aliás, na terceira parte das **Preleções sobre a Estética**, Hegel observa que apenas o “criar e o formar poéticos”⁵ são capazes de uma reconciliação do “fenômeno real”⁶ na “forma representada espiritualmente”⁷, ao contrário do pensamento, em que a “reconciliação do verdadeiro e da realidade”⁸ só pode ocorrer no pensamento. Daí apenas resultarem do pensamento as idéias, enquanto que as “imagens e figuras da fantasia”⁹ constituem o resultado da criação e formação poéticas. No entanto, deve-se sempre atentar para o fato de que, na “confusão da interioridade espiritual e da existência exterior”¹⁰, perder-se na região do espiritual constitui um risco.

Na primeira parte das suas **Preleções**, Hegel se propõe descrever como a obra de arte, que tem sua origem no espírito, é produzida por

¹ Peter Szondi observa, em suas preleções sobre Poética e Filosofia da História, que a divisão das cinco artes particulares – arquitetura, escultura, pintura, música e poesia – foi feita em relação tanto com a capacidade sensória que é mobilizada pelas obras de arte quanto com o material de que se servem estas obras. Enquanto os sentidos constituem uma “constante” da natureza humana, é o material que indica o “processo histórico das obras particulares” e, ao mesmo tempo, “o desenvolvimento do espírito”. SZONDI, P., *Poetik und Geschichtsphilosophie*, I, p. 468-469.

² HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 234.

³ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, II, p. 261.

uma atividade subjetiva e, enquanto produto desta, isto é, enquanto algo subjetivo – mas objetivado –, como pode alcançar a “intuição e o sentimento do público”¹¹. A esta atividade ou, ainda, a esta “*subjetividade criadora*”¹² que produz a obra de arte, Hegel chama de fantasia do artista.

Mas esta fantasia do artista não deve ser confundida nem com a mera imaginação passiva nem com uma “faculdade universal da produção artística”¹³ que se limitaria à “*composição* do diverso da intuição”¹⁴ e constituiria, assim, um meio-termo entre a sensibilidade e a racionalidade. Para Hegel, a fantasia é criadora e constitui, como já foi mencionado, uma atividade, não sendo, portanto, algo que se dê de modo imediato.

Em seguida, Hegel atribui à fantasia, enquanto “capacidade artística”¹⁵ e enquanto atividade de criação, “o talento e o sentido para o conceber da *efetividade* e de suas figuras”¹⁶. Hegel afirma que é justamente esta atividade que possibilita ao espírito fixar as “mais diversas imagens do *dado*”¹⁷ antecipando, desse modo, uma discussão que será retomada, mais tarde, na terceira parte das **Preleções sobre a Estética**, sobre os limites entre as esferas da arte, da filosofia e da religião.

Na primeira parte das suas **Preleções**, Hegel descreve em que se distinguem arte e filosofia: o elemento excedente na obra de arte não é a universalidade abstrata dos conceitos, mas a própria vida e seus incontáveis objetos. Mas, na medida em que é permitida à fantasia do artista uma determinada concepção da efetividade “em suas figuras reais”¹⁸, também lhe é permitida, em igual medida, a “familiaridade com o *interior* do homem, com as paixões do ânimo e todas as finalidades do peito humano”¹⁹.

Neste sentido, na terceira parte das **Preleções**, Hegel observa que, se a fantasia do artista é capaz de conceber e figurar a “*efetividade interior e exterior*”²⁰, isto é, “todas as coisas espirituais e naturais, acontecimentos, histórias, atos, ações, estados interiores e exteriores”²¹, ampliando tanto o seu conteúdo quanto os seus modos de exposição, esta efetividade sempre coincide com os “interesses espirituais”²², porque “sol, montanhas, floresta, paisagens ou a figura humana exterior, sangue, nervos, músculos, etc.”²³ não constituem o objeto mais apropriado à poesia.

Segundo Hegel, a tarefa principal da poesia é “trazer à consciência os poderes [*Mächte*] da vida espiritual”²⁴ e a esfera das “representações, atos, ações [e] destinos humanos”²⁵, além do mecanismo e da “ordenação divina do mundo”²⁶. Daí a poesia ainda poder ser considerada como “a mais universal e ampla mestra”²⁷ da humanidade, ao tematizar tanto a existência do gênero humano como as “leis de sua existência”²⁸. Hegel prossegue afirmando que o homem “deve conhecer os poderes [da vida espiritual] que o impelem e governam”²⁹ e que é a poesia que os fornece, “em sua primeira forma substancial”³⁰.

Mas, se a tarefa principal da poesia é trazer à consciência a efetividade interior e exterior, não devemos confundir a sua tarefa com a do pensamento filosófico. A atividade da arte é oposta, “com respeito à forma do saber [*Wissen*]”³¹, à da filosofia, ainda que, segundo Hegel, “o verdadeiro [*das Wahrhaftige*] de todas as coisas”³² constitua o fundamento universal de religião, filosofia e arte.

⁴ O conceito de “reconciliação” pode ser considerado como um dos conceitos mais importantes da obra hegeliana. Segundo Marc Herceg, em seu artigo sobre a reconciliação no fragmento de Tübingen, “Hegel jamais renunciará à sua interrogação sobre o problema da reconciliação”, isto é, de uma verdadeira reconciliação com as coisas, os homens e do indivíduo consigo mesmo. Desde o fragmento de Tübingen, Hegel constata o desaparecimento do “poder de unificação” da vida humana e torna em projeto de vida o estabelecimento de “uma nova harmonia entre o homem e o mundo, uma harmonia que seja a reconciliação dos tempos modernos”. HERCEG, Marc, *Le Jeune Hegel et la Naissance de la Réconciliation Moderne*, p. 401.

⁵ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 234.

⁶ Id. *ibid.*

⁷ Id. *ibid.*

⁸ Id. *ibid.*

⁹ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, I, p. 230.

¹⁰ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 235.

¹¹ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, I, p. 362.

¹² Id. *ibid.*

¹³ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, I, p. 363.

¹⁴ Id. *ibid.*

¹⁵ Id. *ibid.*

Assim, não constitui tarefa da fantasia trazer à consciência a “racionalidade [Vernünftigkeit] interior”³³, sob a forma de “proposições e representações universais”³⁴; antes, esta racionalidade deve ser exposta na “figura concreta e na efetividade individual”³⁵. Em seguida, Hegel observa que, neste entrelaçamento entre o conteúdo racional e a figura concreta e real, o artista autêntico mobiliza todas as faculdades do ânimo, isto é, de um lado, a “reflexão desperta do entendimento [Verstand]”³⁶ e, de outro, “a profundidade do ânimo [Gemüt] e a sensação [Empfindung] revigorante”³⁷. Portanto, sem “reflexão, particularização [e] distinção”³⁸, nenhum conteúdo pode ser figurado.

Assim, Hegel conclui que a produção interior, que, na primeira parte das **Preleções sobre a Estética**, ele identifica ao gênio e ao talento, e a sua realização técnica não estão dissociadas:

o que vive na sua fantasia, vem até ele [ao artista autêntico] (...) pelos dedos, assim como o que nos vem à boca para exprimirmos o que pensamos, ou como nossas idéias, representações e sentimentos mais íntimos aparecem imediatamente em nós mesmos através de posturas e de gestos.³⁹

O Conceito de Fantasia Poética

Ao falar da fantasia poética, na terceira parte das **Preleções sobre a Estética**, Hegel observa que o conteúdo desta ocupa um lugar intermediário “entre a universalidade abstrata do pensamento e a corporeidade [Leiblichkeit] sensível [e] concreta”⁴⁰ das outras artes particulares (arquitetura, escultura, pintura e música), porque o poeta não apenas tem de constituir um “mundo interior do ânimo e da representação consciente de si [selbstbewußten]”⁴¹, mas também tem de encontrar, para este interior, um fenômeno exterior que lhe corresponda.

Assim, a fantasia poética é capaz de apreender tanto a interioridade subjetiva quanto o “particular da existência exterior”⁴², sob a forma de uma *interioridade objetivada*. Mas esta idéia de que a fantasia corresponde a um meio-termo entre a individualidade do sensível e a universalidade do racional já é exposta, por Hegel, na primeira parte das **Preleções**, quando, ao traçar a diferença entre o conteúdo da arte e da filosofia, ele observa que se na filosofia o pensamento constitui o “elemento da produção”⁴³, na arte este se identifica à “configuração [Gestaltung] efetiva exterior”⁴⁴.

Hegel observa que o artista é justamente aquele que vê e ouve muito e que conserva, em si mesmo, tudo o que viu e ouviu, do mesmo modo que os grandes indivíduos se destacam do restante dos homens por uma grande capacidade de recordação. Porque este “espírito mais profundo”⁴⁵, que faz com que o artista seja capaz de reter tudo o que foi visto e ouvido e que, nas suas atividades, isto é, no seu fazer artístico, possa concebê-lo em suas figurais reais, amplia “o campo dos seus interesses sobre incontáveis objetos”⁴⁶, fazendo com que ele escape à “limitação do material”⁴⁷ sensível e concreto e ao conseqüente condicionamento da forma que determina tanto o modo de conceber a efetividade quanto o próprio “manejo [Behandlung]”⁴⁸ artístico das outras artes particulares.

Embora o conteúdo da fantasia poética não se limite ao conteúdo das “relações do pensamento do entendimento ou especulativo”⁴⁹,

¹⁶ Id. ibid.

¹⁷ Id. ibid.

¹⁸ Id. ibid.

¹⁹ Id. ibid.

²⁰ Id. ibid.

²¹ HEGEL, G.W.F., *Ästhetik*, III, p. 230.

²² HEGEL, G.W.F., *Ästhetik*, III, p. 239.

²³ Id. ibid.

²⁴ Id. ibid.

²⁵ Id. ibid.

²⁶ Id. ibid.

²⁷ HEGEL, G.W.F., *Ästhetik*, III, p. 240.

²⁸ Id. ibid.

²⁹ Id. ibid.

³⁰ Id. ibid.

³¹ HEGEL, G.W.F., *Ästhetik*, I, p. 365.

³² Id. ibid.

³³ Id. ibid.

³⁴ Id. ibid.

³⁵ Id. ibid.

³⁶ Id. ibid.

nem ao da “forma do *sentimento* sem palavras”⁵⁰, nem ao da “clareza e precisão sensível, meramente exterior”⁵¹, este também não se identifica ao conteúdo de caráter accidental, fragmentado e relativo da “efetividade *finita*”⁵², porque estes extremos já estão, na verdade, unificados pela própria fantasia poética na esfera da interioridade espiritual, já sendo, por isso mesmo, algo transformado, que se constitui em produto da atividade artística, isto é, em algo totalizado, orgânico, infinitizado e permanente.

Aliás, isto já se apresenta como uma exigência, pelo fato mesmo de que, como Hegel observa, no geral, a obra de arte poética, na medida em que se constitui como “produto da fantasia livre”⁵³, deve ser configurada e acabada como uma totalidade orgânica.

Daí o conteúdo da fantasia poética também não poder ser confundido com o conteúdo da “consciência comum”⁵⁴ prosaica, que também configura a “matéria de espécie distinta”⁵⁵, mas que não cria nada de poético, porque, na verdade, a fantasia não reside nem no “mero apreender da efetividade exterior e interior”⁵⁶, nem no mero “aparecer do espírito interior na realidade das figuras externas”⁵⁷; trata-se antes de fixar e levar à exposição o “universal [e] racional”⁵⁸ no fenômeno, de modo vivo, revigorado e determinado.

Cabe, então, abrir um parêntese para mencionar duas passagens da terceira parte da **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**, nas quais Hegel se refere, primeiro, à figura do poeta e, em seguida, à “imaginação *poetizadora* [*dichtende Einbildungskraft*]”⁵⁹.

Na primeira passagem da **Enciclopédia**, Hegel observa que é um erro pensar que o poeta proceda de modo meramente intuitivo, isto é, que na sua exposição prevaleça apenas “a objetualidade [*Gegenständlichkeit*] do conteúdo”⁶⁰ da intuição imediata. Segundo ele, o poeta autêntico – aquele que é capaz de desenvolver sua intuição *organicamente* e subsumi-la, sob a forma do universal, na representação – deve, “antes e durante a realização da sua obra, ponderar e refletir”⁶¹.

Na segunda passagem da **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**, Hegel descreve a imaginação poetizadora como aquela configuração “mais ou menos concreta [e] individualizada”⁶² que também constitui uma síntese, na medida em que a matéria sensível, “na qual o teor subjetivo [se] dá uma existência na representação”⁶³, provém justamente da objetualidade do conteúdo da intuição imediata. A imaginação poetizadora ou fantasia constitui, portanto, aquele ponto intermediário no qual o universal e o ser, o interior e o exterior são “formados em um [*eingebildete*]”⁶⁴. A isto, Hegel vai chamar, mais tarde, de universal concreto, no qual a totalidade não põe em suspenso [*aufhebt*] as suas partes e na qual estas, por sua vez, preservam a sua autonomia e se constituem, para a configuração poética, em algo “interessante para si, vivo para si”⁶⁵.

Mas também em relação às artes figurativas e à música, a arte poética – graças à capacidade da fantasia poética de levar à exposição uma totalidade viva e orgânica – se distingue por seu conteúdo. Hegel observa que só a arte poética é capaz de desdobrar a “totalidade de um acontecimento, de uma seqüência, de uma alternância de movimentos do ânimo, paixões, representações e do curso acabado de uma ação”⁶⁶ de maneira completa.

³⁷ Id. *ibid.*

³⁸ Id. *ibid.*

³⁹ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, I, p. 370.

⁴⁰ Id. *ibid.*

⁴¹ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 273.

⁴² HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 225.

⁴³ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, I, p. 364.

⁴⁴ Id. *ibid.*

⁴⁵ Id. *ibid.*

⁴⁶ Id. *ibid.*

⁴⁷ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, I, p. 270.

⁴⁸ Optei por traduzir, em português, o termo alemão *Behandlung* por “manejo” como uma forma de recordar que na raiz do termo alemão está a palavra “mão”. A palavra *Behandlung* implica, assim, a idéia de algo em que a mão toma parte.

⁴⁹ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 231.

⁵⁰ Id. *ibid.*

⁵¹ Id. *ibid.*

⁵² Id. *ibid.*

⁵³ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 248.

⁵⁴ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 230.

⁵⁵ Id. *ibid.*

No caso da escultura e da pintura, por exemplo, esta diferença entre a poesia e as demais artes particulares se torna patente. Nem escultura nem pintura conseguem incluir, numa única obra singular, uma seqüência qualquer que seja, ou o curso acabado de uma ação. Nos casos em que isto foi tentado ou a escultura fracassa, como, por exemplo, no Laocoonte, em que o que predomina é a desarmonia entre a idéia e a matéria sensível, ou, no caso da pintura, nas representações da paixão de Cristo, em que o que se vê é, na verdade, uma seqüência de quadros que tentam dar conta de toda a ação.

Isto, no entanto, não significa que, uma vez que todos estes acontecimentos, histórias, atos, ações e estados exteriores e interiores estejam desenvolvidos e articulados e constituam uma unidade, estes aspectos e partes distintos não possam mais ser particularizados; ao contrário, observa Hegel, isto passa a ser “da maior importância para a obra de arte poética”⁶⁷, porque, nesta, a parte do singular nunca pode ser completamente distinguida da parte que contém o todo. Assim, cada aspecto e cada parte estão completamente individualizados e, ao mesmo tempo, estão intimamente relacionados ao todo, e somente ambos, o todo e as suas partes autônomas, constituem uma totalidade viva.

Referências bibliográficas:

HEGEL, G. W. F. **Werke**. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1970, ff. 20 v.

HERCEG, Marc. *Le Jeune Hegel et la Naissance de la Réconciliation Moderne*, **Les Etudes Philosophiques**. Paris: PUF, Agosto/2004, n. 3, p. 383-401.

JAESCHKE, Walther: **Hegel-Handbuch**. Stuttgart: Metzler, 2003.

SZONDI, Peter. **Poetik und Geschichtsphilosophie, I**. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1991, 5. ed.

⁵⁶ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, I, p. 364-365.

⁵⁷ Id. *ibid*.

⁵⁸ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 241.

⁵⁹ HEGEL, G. W. F., *Enzyklopädie*, III, p. 266.

⁶⁰ HEGEL, G. W. F., *Enzyklopädie*, III, p. 254.

⁶¹ HEGEL, G. W. F., *Enzyklopädie*, III, p. 255.

⁶² Id. *ibid*.

⁶³ Id. *ibid*.

⁶⁴ HEGEL, G. W. F., *Enzyklopädie*, III, p. 268.

⁶⁵ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 251.

⁶⁶ HEGEL, G. W. F., *Ästhetik*, III, p. 224.

⁶⁷ Id. *ibid*.